

## Poemas

DAVINO SENA

**D**avino Ribeiro de Sena nasceu em 1957, no Recife. Realizou estudos universitários no Recife e em São Paulo. Soneto “Memórias” ganha prêmio estudantil de poesia da Academia Pernambucana de Letras. Em 1984, gradua-se em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Em 1989, inicia carreira diplomática. Em 1991, *Castelos de areia*, seu primeiro livro, recebe o prestigioso prêmio nacional de poesia organizado pela Fundação Nestlé de Cultura, em São Paulo. Com o apoio do Itamaraty, representa o Brasil no Encuentro Iberoamericano de Poesía, em Santiago, Chile, onde participa da antologia *Un angulo del mundo*. Em 1994, deu palestra sobre Literatura Brasileira na Universidade de Athens, na Geórgia, EUA. Muda-se para a Espanha. Convidado à mesa-redonda do seminário internacional de poesia organizado pela Universidade de Barcelona. Publicação de *Pescador de nuvens* em 1996. Publica *Retrato com guitarra*. Muda-se para a Austrália. Publica *O jaguar no deserto*. Publica *Vidro e ferro*. Chefia a delegação do Brasil na

reunião do Grupo de Valdivia pela Preservação do Albatroz. Cônsul do Brasil no Japão em 2001. Retorna a Brasília em 2003. Publica *Três Martes*. Viaja a Angola e Moçambique em missão de cooperação em Ciência e Tecnologia. Com Elizabeth Hazin, publica *Lego & Davinovich*. Cônsul em Nova York. Em 2007, lança *Expedição*. Realiza palestra sobre “Poesia e Imaginação” em Recife e Nova York. A *Revista Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional, publica 3 poemas. Mudança para a Arábia Saudita. Poemas publicados pelas revistas eletrônicas *Rascunho*, de Curitiba, e *Eutomia*, do Recife. Lançamento de *O lento aprendizado do rapaz que amava ondas e estrelas* em 2009. Em 2011, muda-se para Londres. Publica *O rei das Ilhas*. É casado e tem duas filhas.

## Tudo se diluiu

A semana ficou pratrás.  
A aflição ficou pratrás.  
Chove... E tudo se diluiu.  
Chove... E afundou o navio.  
Fico diante da janela...  
E apoio o cotovelo.

Apoio o cotovelo  
e desta janela te vejo.  
As flores no tempo vizinho.  
Tu me tiraste para dançar.  
Tu tocavas veloz ao piano.  
A vida passou de mansinho.

Tudo aconteceu hoje? Digo  
tudo como realmente houve?  
Ninguém nos viu, ninguém nos ouve.

## A sombra da árvore

O homem. A árvore. O Sol.  
Ele quer mergulhar na sombra.  
Tinha os olhos ruins, fatigados  
pela leitura do passado.  
A sombra o leva em sonho  
ao sensual calor do mundo.

A árvore. O homem. A sombra.  
Longe da luz, mas perto ainda.  
Ela o cobriria com galhos  
de perdão sobre os falhos dias.  
O corpo era tão poderoso  
como a floresta vista em sonho.

O sonho jamais os uniu.  
A brisa soprou... Veio a tarde.  
Flores caíram-lhe no rosto.

## Petúnia desperta

Petúnia veio de muito longe  
e parecia uma árvore quando  
os três estudantes trêmulos  
a víamos na fila do trem.

A amiga tinha os cabelos  
laranja, e o rosto iluminado,  
exceto por um sinal na testa  
como um borrão pixelado.

O borrão durava segundos  
e quase ninguém o notava  
além dos poucos que anotamos  
os seres paradoxais do mundo.  
Uma dia a seguimos pela rua  
através da verdejante alameda  
sob o monumental rosto da Lua  
a dissipar sombras do medo.

Sabíamos das curvas no tempo  
tivemos certeza quando a vimos  
sumir na recurva alameda  
sem deixar ruído ou pegada.  
Petúnia não podia nos dizer  
o que viera fazer no mundo  
nem como abrir o portal  
com as trombetas do futuro.

O simples fato era absurdo  
e o poder alguém pensá-lo  
fez o dia ficar mais escuro  
como o trem dentro do túnel.

Vimos algo brilhar no escuro  
dois ou três globos de luz  
unidos por ramos suaves  
pensados mais que vistos.

A esbelta árvore tremia  
no escuro do pensamento  
mas seus frutos davam cor  
e, para nós, um gostoso calor.  
Seria bom, não fosse um erro,  
pensar que Petúnia havia surgido  
de um túnel, e havia assumido  
a esbelta forma de laranjeira.

A árvore jamais ali estivera  
e portanto ainda não tivera  
oportunidade de espreguiçar  
os ramos como uma laranjeira.  
As laranjas, duas ou três apenas,  
pareciam haver sido pintadas,  
ou amarradas com barbante  
e cordão, falsas e redundantes.

Nós não acreditávamos  
mas éramos forçados a crer  
que a laranjeira e a mulher  
eram um ser único e dividido.  
Petúnia e o pé de laranja  
tinham existência na franja  
de dois mundos paralelos  
que interagiam na alameda.

Mulher terrestre, enraizada  
estás, no solo firme de ti

mesma, ante o túnel curvada,  
como reclinada sobre um lago.  
Teus olhos brilham como pomos  
de luminoso pé de laranja  
mas teu pensamento é um borrão  
de folhas, as auroras do verão.

Todos os dias, quando a aurora  
enche de sangue o ar, nós te seguimos  
com sapatos de hospital, em silêncio  
até a alameda que te renova.  
Buscamos a resposta que não vem  
como ao escuro vai o trem  
na expectativa de, ao fim do túnel,  
decifrar teu sorriso, Petúnia.

Uma resposta não é flor na lapela  
ou qualquer adorno que nos revela  
e civiliza, dir-se-ia uma resposta  
é ver Petúnia e, a seu lado, a porta.  
Eis o túnel ao fim do qual a luz brota  
menos como flor do que fruto  
jamais ornamento, algo substantivo  
ainda que a substância seja fictícia.

Aos cinquent'anos, a vemos  
com o esplendor de fêmea  
que não se deixa analisar  
e emite olor de fruta lisa.  
Largamos no largo o largo  
pensamento, ora sentimento,  
de Petúnia, que se deixa levar  
pelo túnel sem olhar para trás.

Deixar-se era a única saída  
para o recôndito universo  
de matéria escura, no verso  
que bate como um relógio.  
Um-um, dois-dois, os segundos  
como areia na mão erguem  
um castelo, enquanto outra mão  
esmaga o coração do velho.

De todas as ideias hoje relidas  
como petúnias em jardim colhidas  
apenas uma, Petúnia, vingou  
e brilha no túnel como um sol.  
Petúnia é semelhante a pecúnia  
quando pisa descalça na cidade  
com as sandálias da insônia  
e os longos cabelos da realidade.

Ela tinha a pobreza do ar  
e alguma eletricidade, sem a qual  
jamaís se lhe abriria o portal  
nem seu ar pobre seria de árvore.  
Petúnia, amiga, fiel parceira,  
és do mundo paralelo oriunda  
e teu ar de desejos nos inunda  
como o ar umedece a laranjeira.

Nada sentes por nós, fria  
aparição, pixelada imagem  
vinda de uma quinta dimensão  
real como laranjas numa árvore.  
Vens do real, quando o corpo

é atravessado por finas cordas  
que nos unem à laranjeira  
como os planetas ao sol.

Somos através, somos um corpo  
atravessado de buracos, nunca  
contínuos como desejaríamos  
somos obesos, somos túneis.  
Petúnia nos ensina que há  
maneiras de ser atravessado  
oh de luzes, quantas de luz,  
túnel através do qual somos.

Ela vive dentro de um túnel  
atravessado vez por outra do real  
e sua aparência destituída  
tem manchas cuspidas pelo sol.  
As manhãs uniram-se em luz  
para dar-nos o impulso, o pulso  
que dá manha ao pulo, a luz  
das manhãs que é Petúnia.

A mulher foi vista na manhã  
a pular corda, a imagem  
a desfolhar-se em plátanos  
dourados que já foram laranjas.  
A única pista que restou  
é a fotografia da mulher  
como laranja caída do alto  
como cai folha de plátano.

Fruta ou folha, túnel do real,  
passeia os dedos nos cabelos  
para a um herói se oferecer

como uma deusa oferta o belo.  
Três heróis a viram no salão  
ela apontou um, que tinha medo,  
e os outros dois, sem mais razão,  
mataram-se na curva da alameda.

Todas as noites Petúnia  
atrai um homem, herói ou poeta,  
para a alameda onde espera  
ouvir-lhe a canção única.  
A deusa espera ouvir  
a única canção de amor  
com três heróis na alameda  
a olhar o pôr do sol.

Petúnia era a forma do ermo  
visível no olhar ansioso  
que necessita ver, cioso de si,  
de um herói sem jardim.  
Tais formas são revistas  
pelo homem que delas precisa  
quando chega aos cinquenta  
e sofre por não revê-las.

Petúnia sabia do ermo  
no homem que a despia  
sem sentir por ela desejo  
quando ardia no túnel.  
Éramos todos uns heróis  
verticais na fila do trem  
os olhos no horizonte  
do túnel que já não dói.

# Poemas

W. J. SOLHA

**W**. J. Solha é autor de “Esse é o Homem” (Editora Ideia, 2013) – do qual aqui reproduzimos as quatro primeiras páginas – e de outros dois poemas longos: “Trigal com corvos” (Palimage e Imprell 2004, Prêmio U.B.E. Rio 2005) e “Marco do mundo” (Ideia, 2012).

Tem vários romances, sendo alguns prêmios nacionais, como *Israel rêmora* (Record, 1975, Prêmio Fernando Chinaglia 74), *A batalha de Oliveiros* (Itatiaia 1989, Prêmio INL 1988) e *Relato de Prócula* (A Girafa 2009, Bolsa de Incentivo à Criação Literária da Funarte em 2007, Prêmio U.B.E. Rio 2010).

Sua *História universal da angústia* (Bertrand Brasil 2005) ficou entre os finalistas do Jabuti em 2006, obteve o Prêmio U.B.E. Rio no mesmo ano.

Fez o libreto da primeira ópera armorial, “Dulcineia e Trancoso”, para o maestro Eli-Eri Moura, com estreia no Teatro de Santa Isabel, Recife, em 2010. Escreveu os versos da “Cantata pra Alagamar”

(a primeira em Língua Portuguesa) de José Alberto Kaplan, LP da Marcus Pereira, 1980. É autor, também, do texto do “Oratório Via-Sacra”, de Ilza Nogueira, apresentado na Semana Santa de 2005, na Igreja de São Francisco, João Pessoa.

Trabalhou como ator em “O som ao redor” – de Kleber Mendonça Filho, e recebeu o prêmio de melhor ator coadjuvante no festival de cinema de Brasília – também em 2012, com “Era uma vez eu, verônica” – de Marcelo Gomes. Foi ator e autor do roteiro do curta *A canga*, baseado em trecho de sua novela homônima, direção de Marcus Vilar.

É autor dos painéis “Homenagem a Shakespeare” – em exposição permanente no auditório da Reitoria da UFPB –, e “A Ceia”, no acervo do Sindicato dos Bancários da Paraíba.

Pela primeira vez ele disse o equivalente a  
– Água

e,  
assombrosamente,  
viu  
água;

– Pedra  
e lá estava,  
na assombrosa mente:  
pedra.

Em câmara lenta,  
a memória lhe traz um fêmur que em suas mãos passa a ser ferramenta  
com carma de também ser arma,  
no que ele o despenca – ao som do Assim Falava Zaratustra – e massacra  
(com felicidade sinistra e sacra)  
um crânio entre vários ossos,  
que desanca como se fossem  
nossos.

E eis o martelo e aríete, tambor,  
marreta e machado, o caça a jato, um motor,  
chifre soprado, trombeta,  
baqueta, espineta, muleta,  
tanque de guerra, trator  
e,  
de elo em elo,  
*viola di gamba,*  
*o cello,*

adaga, a draga,  
a faca, a estaca,  
e a mais refinada prótese: a hipótese,

e eis o que o extasia, depois de rompida a afasia: a prosa de saltos altos, ou sapatilhas,  
com rimas que lhe ligam bilhas a pilhas, filhas a milhas, pavões a chavões,  
anões a canhões,  
armadilhas,

entre raios e terremotos,  
furacões, vulcões, maremotos,  
e tudo que nos humilha.

Aí,  
uma tocha leva a primeira reserva de sol à treva no ventre da rocha.

Aí,  
a intimidade inaugural da mulher com o portento, que acontece no primeiro rebento.

Aí,  
a vida medra na pedra  
e ela se finge de  
Fedra  
e esfinge.

Aí,  
ele doma o bovino,  
o luar, o equino, o vento,  
o tempo,  
e – através do rito e do incenso, do altar, do hino e do templo – o divino.

Flagrem-se os mistérios.  
Do vidro, do espelho, do sonho.  
Dos  
cemitérios.

Flagrem-se negras *noches y blancos días*  
quadrinizados pela primeira vez no extraordinário e antiquíssimo calendá-  
rio abstrato xadrez,  
em que se põe em jogo todos os *sueños*  
*y agonias*.

Flagre-se o horizonte, que – quando chega – quica na mente e é outro,  
distante,  
como cada amanhã quica a cada manhã,  
e é outro,  
adiante,  
ao tempo em que o que é hoje,  
quica pra trás  
e é ontem,

tudo tão louco quanto,  
do barco – que parece parado – ver o cais que chega,  
pesado,

tão droga na veia quanto ponteiros mostrando, na Lua cheia,  
que são três e meia,

ou arte,  
cujo fim põe o arremesso,  
o começo,  
onde se sabe – sem receio – estar a verdade:  
no meio,

arte – sem véu: círculo branco,  
que é Lua,  
se em campo azul,  
que é o céu.